

O Papel das Residências em Saúde na Área de Controle do Câncer

doi: <https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2020v66n3.1259>

The Role of Health Residencies for Cancer Control

El Papel de las Residencias Sanitarias en el Ámbito del Control del Cáncer

Mario Jorge Sobreira da Silva¹; Gustavo Francisco de Souza e Mello²

O câncer é um importante problema de saúde pública, que demanda atenção integrada de profissionais especialistas e equipes não especializadas, com intuito de reduzir a incidência e a mortalidade e aumentar a sobrevida e a qualidade de vida de pacientes oncológicos¹. Em que pese os avanços no tratamento, o câncer permanece sendo a segunda principal causa de mortalidade entre os brasileiros². Por outro lado, globalmente, observa-se um importante e significativo aumento de determinada população sobrevivente do câncer, que amplia as necessidades por acompanhamento e cuidados em saúde³. Todo esse cenário exige aperfeiçoamento do processo educacional na formação de profissionais para atuação na área da oncologia.

No Brasil, existe uma demanda significativa por qualificação de profissionais para atuação na atenção oncológica⁴. Os programas de residência em saúde, na área do controle do câncer, vêm sendo apontados como o modelo mais apropriado para atender a essa carência⁵. Existem dois tipos de programas de residências em saúde no país. Os programas de residência médica contribuem fortemente para a formação de médicos que atuam diretamente no diagnóstico e no tratamento dos pacientes do câncer, tais como, nas seguintes especialidades: patologia, endoscopia, medicina nuclear, radiologia, oncologia clínica, radioterapia, cirurgia oncológica, hematologia, mastologia, oncologia pediátrica, transplante de medula óssea e cuidados paliativos. Já os programas de residência em área profissional da saúde, em modalidade multiprofissional ou uniprofissional, voltados para o campo da oncologia, podem promover a formação de assistentes sociais, biólogos, biomédicos, cirurgiões-dentistas, educadores físicos, enfermeiros, farmacêuticos, físico-médicos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, nutricionistas, psicólogos, sanitaristas e terapeutas ocupacionais.

Independente da sua modalidade, os programas de residência em saúde na área do controle do câncer devem oferecer aos profissionais, além de aprendizados técnicos, essenciais para atuação profissional, conhecimentos sobre os aspectos éticos, epidemiológicos, econômicos, humanísticos, legais, sociais e organizacionais relacionados à prevenção e controle do câncer⁶. Nesse sentido, esses programas educacionais são capazes de fornecer subsídios para que os profissionais atuem na assistência, gestão, ensino e pesquisa na área da oncologia, sempre em uma perspectiva interdisciplinar.

Ao longo dos mais de 70 anos de existência, a Revista Brasileira de Cancerologia (RBC) tem sido um importante espaço para divulgação da produção científica sobre os programas de residência em saúde, na área do controle do câncer, ou de trabalhos realizados por discentes durante o período de residência, originários de todas as Regiões do país. Esses trabalhos auxiliam tanto na identificação de melhorias, que devem ser implementadas para ampliar a qualificação dos programas, quanto retratam a realidade da atenção em oncologia nos diversos cenários brasileiros.

Nesse sentido, o presente número temático objetivou dar destaque à contribuição científica produzida durante os programas de residência, fortalecendo o debate sobre o ensino como propulsor de conhecimento para atuação competente na área da prevenção e controle do câncer.

REFERÊNCIAS

1. Silva MJS, O'Dwyer G, Osorio-de-Castro CGS. Cancer care in Brazil: structure and geographical distribution. *BMC cancer*. 2019 Oct 23;19(1):987. doi: <https://doi.org/10.1186/s12885-019-6190-3>
2. Marinho F, de Azeredo Passos VM, Malta DC, et al. Burden of disease in Brazil, 1990–2016: a systematic subnational analysis for the Global Burden of Disease Study 2016. *Lancet*. 2018 Sep 1;392(10149):760-75. doi: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(18\)31221-2](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(18)31221-2)

¹Farmacêutico. Doutor em Saúde Pública. Chefe da Divisão de Ensino do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA). Rio de Janeiro (RJ), Brasil. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-0477-8595>

²Médico. Doutor em Oncologia. Coordenador de Ensino do INCA. Rio de Janeiro (RJ), Brasil. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-5962-1782>

Endereço para correspondência: Mario Jorge Sobreira da Silva. Rua Marquês de Pombal, 125, 3º andar – Centro. Rio de Janeiro (RJ), Brasil. CEP 20230-240. E-mail: mario.silva@inca.gov.br



3. Shapiro CL. Cancer survivorship. *N Engl J Med.* 2018 Dec 20;379(25):2438-50. doi: <https://doi.org/10.1056/NEJMra1712502>
4. Thuler LCS, Bergmann A, Ferreira SC. Ensino em atenção oncológica no Brasil: carências e oportunidades. *Rev Bras Cancerol.* 2011 Dec 30;57(4):467-72. doi: <https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2011v57n4.641>
5. Grover S, Balogun OD, Yamoah K, et al. Training global oncologists: addressing the global cancer control problem. *Front Oncol.* 2015 Apr 8;5:80. doi: <https://doi.org/10.3389/fonc.2015.00080>
6. Dittrich C, Kosty M, Jezdic S, et al. ESMO/ASCO recommendations for a global curriculum in medical oncology edition 2016. *ESMO Open.* 2016 Sep 1;1(5):e000097. doi: <https://doi.org/10.1136/esmoopen-2016-000097>

Recebido em 25/9/2020
Aprovado em 25/9/2020

|